



EBERSTEIN.

EBERSTEIN.

O grã-ducado de Bade estende-se ao longo do Rheno, e comprehende quasi trezentas milhas quadradas. E' muito povoado, e pode dizer-se o maior dos estados alemães governados por um grã-duque.

A cinco leguas a sueste de Bade está situado o castello de Eberstein, uma das residencias de verão do grã-duque, que a nossa estampa representa.

Da torre d'este castello descobre-se o valle de Murg, grandes montanhas, e florestas, e gosa-se maguifico ponto de vista.

MARINHA PORTUGUEZA.

II

A nau *Conceição*.

I

Conversações.

— Bem vae a nossa viagem de seis dias, depois que partimos da Terceira. Segundo as informações não a deviamos esperar tão boa.

— Verdade que sim. Aquellas duas caravelas de aviso, que com cartas de el-rei ali recebemos, diziam — «que viesse a nau em estado de guerra buscar a altura de 39° 90', pela qual acharia a esquadra de D. Antonio de Athaide, que nos estava aguardando; e que navegassemos com cautela, pois havia noticia de andar por fora uma esquadra de turcos.» Amanhã devemos ter necessariamente vista das Berlengas.

— Para mim estou que a esquadra foi sonho. Para que viriam agora turcos a estas paragens!?

— Não é da gente mauritana que podemos ter medo; nem medo é para nós os portuguezes. Isto digo eu, por ser de opinião contraria á duvida de que podessem vir moiros á costa. Ha tanto que andamos fora da patria, n'essas apartadas regiões da India, que mui bem pode ter acontecido cá pela Europa motivo que justifique a apparelhar-se a esquadra da meia lua.

— Mas seria para ver de certo, e quem duvida, como nos haviamos de haver com ella, tão cortados como vimos da travessia, com tão pouca gente de manobra e guarnição, e com as armas sabe Deus em que estado, pois não deve esquecer que ha dois invernos estão guardadas; e assim não podem os mosquetes deixar de ter ferrugem, e estarem apodrecidas as hastes dos piques.

— Assim mesmo, por mim vos respondo que o nosso commandante, o senhor D. Luiz de Sousa, não é homem para voltar cara ao perigo. Sem susto bem podiamos vir se lá na Terceira nos dera o governador a gente que com os refrescos e mantimentos lhes mandamos pedir; mas

já que assim não foi, e só de vitualhas nos forneceu com abundancia, esperanças em Deus, e confiança nos poucos braços, que sobretudo são portuguezes, e não hão de faltar-nos na hora do perigo.

— E só comnosco os que viemos da India podemos contar, por que as creanças e os velhos desarmados que o governador da Terceira nos deu, mais nos servirão de empache, se a dança tiver de começar, do que de auxilio e socorro.

— Não vae a esmorecer, rapazes, que amanhã teremos vista de terra portugueza.

Tal era a pratica, que como fielmente vimos narrando, havia a bordo da nau *Conceição*, na vespera de dar vista das Berlengas, ao cabo da longa e trabalhosa viagem que trazia das Indias.

Capitaneava-a D. Luiz de Sousa, homem de grande fortuna, e mais avantajados espiritos.

Da primeira só diremos que recolhia á patria com cabedal passante de duzentos mil cruzados; e dos segundos, que embarcara n'esta nau *Conceição* por ter acabado o tempo do seu governo de Ormuz — esse padrão de gloria que as nossas armas levantaram na entrada do golpho persico, e que pelo anno que vamos historiando (1622) tornou a cair em poder da Persia.

Não fôra elle, D. Luiz, quem tivera o primeiro commando da nau. Esse pertencera no 1.º de Março de 1621, quando ella desferrou de Goa onde fôra construida, a Jeronymo Corrêa Peixoto, o qual foi morto na bahia de Santa Helena, por uma barra do cabrestante, quando este virava para metter dentro uma espia que fôra necessario dar para fundear n'aquelle porto. Então se fizera eleição de D. Luiz, porque n'aquelle tempo era assim que se provia a estas faltas de commandante, quando previamente se não designava o successor. O gorro do piloto servia de urna a estas votações; e justo parece que se entregasse a escolha do capitão aos suffragios populares d'aquelles que, pela camaradagem, deviam conhecer o brio e esforço dos capitães com que vinham de viagem. Por isso tambem succedia sempre não serem taes eleições desaguizadas, e n'este caso D. Luiz provou quão rija era a tempera de seu animo, e até onde alcançava o seu valor.

Esta arribada á ilha de Santa Helena não fôra muito do gosto de D. Luiz de Sousa, que por causa d'ella não pequena altercação tivera com o commandante Jeronymo Corrêa.

Como dissemos, vinha D. Luiz sobejamente rico de bens da fortuna; e porque n'aquelle tempo a paragem era infestada de hollandezes, que com alterosos navios se entretinham em dar caça ás nossas naus, achando assim mais do seu gosto prear o que estranhos haviam adquirido no commercio, do que emprehendel-o por sua conta, receiava com razão que a cega fortuna o despojasse n'um momento, do que com tantos cuidados enthesourara. O regimento, porém, vedava expressamente a Jeronymo Corrêa a arriba-

da a Angola, ou ao Brazil; e o bom do commandante nem por quanto houvesse infringiria o regimento, para que de ulterior successo lhe não revertesse a culpa. Por quarenta e quatro dias pairara a nau luctando com ventos contrarios, que lhe não permittiram dobrar o Cabo. Foi aqui que se separaram, com mais discernimento que disciplina, da nau *Penha de França*, com a qual desaferrara de Goa, em conserva, porque os officiaes reconheceram que a *Conceição* era de melhor andamento do que a companheira, e estavam desejosos de abreviar a viagem. Finalmente as correntes afastaram a nau do Cabo, e o commandante, porque tantos dias levava a dobral-o, fez vistoriar a aguada para se certificar se teria a sufficiente para chegar á costa de Portugal. Parecendo escassa a quantidade que havia, por voto dos officiaes foi resolvida a arribada a Santa Helena, como acima se disse; e felizmente para a nau, e para o thesouro de D. Luiz de Sousa, não houve n'aquella paragem vista de um unico vaso hollandez.

Oito dias consumiram ali em completar a aguada, e refazer a nau de mantimentos e virtualhas. Ao cabo d'elles desaferrou do porto, com vento forte, e já commandada por D. Luiz de Sousa, e assim navegaram até aos Açores, onde lhe sobreveiu temporal tão furioso, que estiveram quasi perdidos na ilha do Fayal. Amainou o tempo, e D. Luiz navegou para a Terceira, onde em breve surgiu, e se conservou pairando em papafigos, á espera da resposta da requisição que dirigira ao governador da ilha, sollicitando mantimentos, soldados e artilharia, pois de tudo carecia. Como o governador o satisfez já vimos acima, pois se bem não foi escasso em mantimentos e refrescos, com os braços, que era o mais necessario, ainda foi menos de mesquinho, porque em vez de soldados só lhe enviou homens inuteis, uns por sua pouca idade, outros por demasiada; e todos desprovidos d'armas.

Prosigamos no breve dialogo dos homens da nau *Conceição*, que algumas noticias ainda nos dará do que se passou n'aquella viagem.

— Parece que o nosso capitão Jeronymo Corrêa teve presagio d'aquelle desastrado fim com que acabou em Santa Helena.

— E' verdade. Na vespera foi visto em praticas com o padre capellão, do que bem resultou confessar-se e fazer seu testamento.

— Qual presagio! Quem havia dizer que uma barra do cabrestante do seu navio o mataria! Jeronymo Corrêa era bom christão, e como o senhor D. Luiz de Sousa lhe apontou para os hollandezes, que lhe assustavam o animo, preparou-se para o combate, com as armas de Christo.

— E' verdade, é verdade: não era presagio: repetiram em côro umas poucas de vozes, dando razão ao ultimo orador.

O primeiro, firme sempre nas suas idéas de presagios, e maus agoiros, abanou incredulamente a cabeça, e continuou:

— Tome-o cada um como quizer; eu para mim fico crendo n'elle. E aquelle desgraçado passageiro, que na altura do Cabo, o vagalhão arrebatou do convez, e sepultou nas ondas?!

— Então que, mestre Antonio, tambem isso é presagio?!

— E foi o primeiro. Ali, tanto á vista de nós todos, contando-se com certeza os meios de salvar-o, nem tempo deu para descer os escaletres. Veiu uma onda, alterosa e gigante como o Cabo, envolveu-o no seu seio, cavou em roda fundo abysmo, e quando se dissipou alastrando-se pelo oceano meridional, como innocente regato que mansamente vae lambendo a campina, o nosso homem tinha rolado até ao fim d'essas immensidades que só Deus pode medir!

A equipagem persignou-se, e devotamente rezou um *padre nosso* por alma do passageiro.

A assemblea ficara taciturna; porém o incredulo ainda se aventurou a interrogar:

— E que deduzis d'isso, mestre Antonio?

— Que assim como o passageiro, se esta noite, ou amanhã tivermos vista do inimigo não lhe escaparemos. Vimos fracos e cansados, e ainda que a terra nos esteja proxima, onde a salvação?

Estas palavras enegreceram o coração de todos, como o opaco veio que corria pelo horisonte velava de trevas a magestade do oceano atlantico.

Todos se dispersaram sem dizer mais nada.
Continua.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ. DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Paramentos de cama.

Um paramento de cama, grande, de brocado de pello, rico e raso, de quatro pannos o ceo sómente, a saber: dois de brocado rico, branco, e dois de brocado raso, roxo de cinco covados cada panno, com seus alparavazes dos ditos brocados, dobrados sómente na cabeceira, que é singela, franjados de franja larga de retroz carmesim, e por cima d'ella outra de oiro de Florença; e leva o dito ceo pelas costuras, entre panno e panno, barras de velludo carmesim, e ao redor por todo uma banda de velludo carmesim, e assim nos cantos dos alparavazes, e ao redor por onde se pegou a franja uma banda de velludo carmesim, o qual é forrado de bocaxim com sua guarnição de fita e argolas, e assim nos cantos dos alparavazes franjado de franja de preço do dito oiro e retroz.

Duas costaneiras, uma da cabeceira, que tem cinco pannos de brocado raso, e tres do rico, de pello. A outra costaneira da ilharga é de quatro pannos, dois de brocado de pello rico carmesim, e dois de brocado branco raso. Tem cada um d'estes cinco pannos, de ambas as costanei-

ras, cinco covados e duas terças, bandadas as ditas costaneiras de bandas largas de velludo avellutado carmesim, por costuras e pela roda franjados de ouriço de oiro e retroz carmesim, guarnecidos de suas argolas e fitas.

Duas corrediças da dita cama, de chamalotes de seda, a saber: branco, azul, verde, e carmesim. Uma d'ellas tem onze pannos, dos quaes são dois brancos, tres carmesins, tres azues, e tres verdes; e a outra tem nove pannos, dois carmesins, dois brancos, dois verdes, e tres azues, ambas guarnecidas de suas argolas e fitas.

Um cobertor de brocadó, grande, da dita cama, o qual tem cinco pannos de seis covados cada panno, a saber: tres d'elles de brocado rico de pello, e dois de brocado raso, bandado de velludo avellutado carmesim pelas costuras, de barra de tres dedos em largo; e pela roda do dito cobertor uma banda do dito velludo, de uma quarta em largo: o qual é forrado de bocaxim encarnado.

Um ceo de cama de velludo carmesim, que tem seis pannos, de cinco covados e meio cada panno, com seus alparavazes, o da cabeceira singelo, e os outros dobrados, os quaes são d'altura de meio covado, franjados de retroz azul de franja larga; e por todas as costuras do dito ceo tem cingidoiros de oiro e seda azul, o qual é forrado de bocaxim preto, guarnecido de fita de cadarço, e suas argolas.

Uma costaneira de cama do dito velludo carmesim, que tem seis pannos e meio de cinco covados e tres quartas cada panno de comprido, franjados de franja de ouriço de oiro e retroz azul os comprimentos sómente, com cingidoiros de oiro e seda azul por todas as costuras; forrada de bocaxim preto com sua guarnição de fita e argolas.

Outra costaneira da dita cama de velludo de seis pannos, e cada panno tem cinco covados e sesma, franjada da dita franja de ouriço d'oiro, com cingidoiros de oiro e seda, da sorte da de cima pelas costuras, forrada de bocaxim preto, guarnecida de fita e argolas.

Um cobertor de cama, grande, do dito velludo carmesim, que tem seis pannos de sete covados e terça cada um, com dois cingidoiros de azul e oiro por todas as costuras e bordas de ilhargas, forrado de bocaxim verde escuro.

Outro cobertor de caminha, do dito velludo carmesim, que tem cinco pannos de quatro covados e quarta cada um, com quatro cingidoiros de azul e oiro pelas costuras, forrado do dito bocaxim verde escuro.

Umas corrediças de tafetás de tres peças, que tem juntamente quinze pannos de seis covados e terça cada um, a saber: seis de encarnado e cinco de azul, e quatro de branco, as quaes corrediças são guarnecidas de fita de cadarço com suas argolas.

Uma cama de raz de lã e seda, de tres pannos, de figuras, finos, que tem estes signaes: Um d'elles tem no meio um rei mancebo com

um sceptro na mão esquerda, e a outra mão no quadril; á sua parte direita está um homem tirando pelo natural, e em baixo á parte esquerda está um licorne, que apparece meio corpo por diante, o qual panno tem vinte covados, cinco de alto e quatro de largo. Outro panno tem duas rainhas vestidas de azul, e junto de cada uma um homem vestido de verde com barrete verde; uma em cima, á parte direita, e outra em baixo á parte esquerda, e em cima n'esta mesma parte estão duas mulheres com uma taboa de vulto de um rei mancebo; o qual tem vinte e cinco covados, a saber: cinco de largo, e cinco d'alto. O outro tem á parte direita uma rainha vestida de azul, abraçada com um homem vestido de verde, ao qual tem lançado o braço direito sobre o pescoço, e a mão esquerda nos peitos d'elle; e detraz da rainha vão tres damas vestidas de verde, e entre as duas d'ellas trazeiras está um homem preto com saio vermelho e touca, como turco. O qual panno tem vinte e sete covados. Vinham avaliados a oitocentos réis.

Sete rebates de lã e seda, de figuras, da dita cama, que tem todos sete trinta e tres covados e tres quartas. Quatro d'elles tem de comprido cada um quatro covados e sesma, e tem estes signaes (segue-se a descripção, que omittimos).

Estes sete rebates se puzeram em um d'estes pannos atraz conteudos da cama, que serve de ceo, por alparavazes com sua franja larga de retroz verde, e os ditos pannos guarnecidos de cachamaço e argolas. Estes rebates vinham avaliados a oitocentos réis o covado, e a franja, que são vinte e uma varas, a cem réis a vara.

Docéis.

Um docel de brocado, a saber: o fundo de oiro, tirado em troços com cardos de tres altos com seda; o qual é de tres pannos, e tem cada panno seis covados e terça de comprido com o alparavaz de cima. E nos dois alparavazes das ilhargas, que são do mesmo brocado, tem d'elle tres quartas, os quaes alparavazes são forrados de tafetá azul, e franjados de franja larga de retroz azul e oiro, e assim os comprimentos de franja estreita da dita sorte forrado de bocaxim preto, guarnecido de fita de cadarço e argolas.

Outro docel de velludo roxo de quatro pannos, e de seis covados cada panno, com barras de setim roxo pelas costuras ao longo, com seus alparavazes, que levarão do dito velludo dois covados e meio, forrados de tafetá amarello, franjado de retroz azul, de franja larga, e o dito docel pelas ilhargas de franja estreita, forrado de bocaxim, e guarnecido de argolas e fita de cadarço.

Mais um cobertor de cama, grande, de escarlata vermelha, que tem dois pannos e meio de largo, e de comprido seis covados e um doção cada panno. Vinha a dois mil réis o covado.

Outro cobertor de camilha, da dita escarlata

vermelha, que tem um panno e meio de largo, e de comprimento quatro covados e terça.

Outro cobertor de escarlata roxa, grande, que tem dois pannos e meio de largo, e de comprimento seis covados cada panno.

Outro cobertor de camilha da dita escarlata roxa, que tem de largo um panno e meio, e de comprimento quatro covados e um dozão. Esta roxa vinha a mil e quatro centos réis o covado.

Uma camara de velludo carmesim, que tem oito peças. Duas d'ellas de cinco pannos cada uma, e de seis covados escassos cada panno. Outras duas peças de sete pannos cada peça, e de seis covados escassos cada panno. Outras duas peças, que tem oito pannos cada peça, e cada panno tem seis covados. Outras duas peças, que tem dez pannos cada peça de seis covados cada panno escassos. Os quaes pannos são todos forrados de bocaxim vermelho com suas argolas postas em fitas de cardaço.

Ornamentos da capella.

Uma cortina de ouvir missa, de brocado, a qual é de tres peças, e de tres pannos cada peça, a saber: dois de brocado de prata de tres altos, e no meio um de brocado de oiro, rico, de tres altos; cada um dos ditos pannos tem tres covados, e toda a cortina é forrada de tafetá azul e franjada de retroz azul, de franja larga, e de oiro.

Um panno de cadeira do dito brocado, que tem quatro pannos, a saber: dois de brocado de prata, e outros dois de brocado de oiro, de quatro covados cada um dos ditos pannos.

Um pontifical.

Uma cortina de velludo roxo, de ouvir missa, de tres peças....

Um panno de cadeira do dito velludo roxo....

Uma vestimenta do dito velludo roxo com savastro de brocado raso, franjada toda de retroz azul de franja estreita, forrada de bocaxim amarello, com seus manipulos do teor, com franja larga do dito retroz, e sua alva de bretanha com todas as outras pertenças.

Uma capa do dito velludo com savastro...

Duas dalmaticas do dito velludo, com savastro...

Uma cortina de altar, do dito velludo roxo, que tem quatro pannos d'elle, e um pelo meio de brocado raso, os quaes são de sete covados e meio cada panno, franjada de retroz azul...

Um frontal do dito velludo, que tem cinco pannos, a saber: quatro de velludo, e um pelo meio de brocado raso...

Um panno de pulpito do dito velludo roxo...

Um panno de porta-paz do dito velludo roxo, barrado todo ao redor do dito brocado raso, franjado de retroz azul...

Outro pontifical de velludo verde.

Uma cortina d'altar de velludo verde de cinco pannos...

Um frontal do dito velludo, de cinco pannos.

Uma vestimenta do dito velludo com savastro de velludo laranjado...

Duas dalmaticas do dito velludo com savastros do alaranjado...

Uma capa do dito velludo verde com savastro, capelo, e porta de velludo laranjado...

Um panno de porta-paz do dito velludo verde.

Outro pontifical de damasco branco. Uma capa de damasco branco, com savastro, capelo, e porta de velludo carmesim, franjada de retroz branco e carmesim, e forrada de bocaxim amarello. (Todas as peças que seguem tem guarnições eguaes a estas).

Uma vestimenta do dito damasco branco...

Duas dalmaticas do dito damasco branco...

Uma cortina de altar de quatro pannos do dito damasco...

Um frontal do dito damasco...

Um panno de pulpito do dito damasco branco.

Um panno de porta-paz do dito damasco...

Outro pontifical de damasco preto. Uma capa de damasco preto com savastro, e capelo de velludo preto, forrada de bocaxim, franjada toda de retroz preto e branco (eguaes guarnições em todas as seguintes peças).

Uma vestimenta do dito damasco...

Duas dalmaticas do dito damasco...

Um frontal do dito damasco...

Uma cortina de altar do dito damasco...

Um panno de porta-paz do dito damasco...

Um panno de pulpito do dito damasco...

Um panno de cadeira do dito damasco...

Mais uma cortina de ouvir missa, do dito damasco...

Mais um panno de estante de damasco azul...

Outro panno de estante de damasco de grã...

Uma vestimenta de damasco amarello, com savastro de setim avellutado preto, franjada de retroz branco e vermelho, forrada de bocaxim, com sua alva de bretanha, e todas as outras suas pertenças.

Outra vestimenta de damasco pardo, com savastro de setim avellutado preto, franjada de retroz branco e carmesim...

Coisas miudas de capella.

Seis roldanas de pau com seis cordões de cardaço de côres, de dez varas cada cordão.

Tres cordões de retroz, dois de branco e laranjado, e outro d'outras côres, de dez varas cada um.

Seis gadanhos de ferro para as cortinas.

Duas estantes de ferro, a saber: uma grande para os cantores, estanhada; e outra d'altar, prateada.

Dois missaes romanos, com suas fronhas, que são tres, uma de velludo preto, forrada de setim preto; e as duas de velludo carmesim forradas de setim com seus careis e borlas de retroz das ditas côres.

Um breviario de camara, romano.

Um officieiro de canto para os cantores.

Um livro de relações. Todos estes livros doirados com seus registos.

Doze corporaes com suas paleas, e duas capas de panno para elles, forradas de setim, e cobertas de velludo.

Uma cadeira rasa de coiro para o estrado.

Oito sobrepelizes, seis de bretanha, e duas de hollanda.

Uma obradoira para fazer hostias.

Uma tesoura.

Duas pedras de ara cobertas de pau.

Uma mesa grande para dizer missa.

Um ferramental de coiro com seu martello.

Um tesouras de espivitar tochas, e um coiro de guadamexil para ellas.

Roupa de linho.

Uma arquelha de hollanda de trezentos réis a vara, que tem oitenta varas da dita hollanda; e de bretanha de sessenta réis a vara nove varas no forro do capelo da dita arquelha; a qual é guarnecida de botões de marfim, postos em fita de cadarço branca, com suas varas e cotovelos de ferro prateados, e pião doirado, franjada de linhas.

Outra arquelha de sinabafe, que tem d'ella cincoenta e nove varas de cento e vinte réis a vara, e quatorze varas de hollanda no capelo, de quinhentos réis a vara, e no forro d'ella nove varas de bretanha, de sessenta réis a vara, franjada de linhas, e guarnecida de botões e fitas com varas e cotovelos e pião da sorte dos de cima.

Trinta e dois lençoes de hollanda, de quatro pannos cada um, e de quatro varas de comprimento, dos quaes foi avaliado o panno de vinte e tres d'elles a duzentos e cincoenta réis a vara, e o de seis a duzentos réis a vara; e o panno dos tres a cento e oitenta réis.

Seis lençoes de camilha, de tres pannos cada um, e de tres varas cada panno, os quaes são de boa hollanda.

Dezesete colchões de hollanda, a saber: sete d'elles grandes, de seis pannos cada um, tres de cada parte, e de tres varas de comprimento cada panno. Outros sete de cinco pannos e meio de ambas as partes, e tem de comprimento cada panno duas varas e meia. Tres mais pequenos, de duas varas de comprimento, de quatro pannos de ambas as partes, os quaes colchões são todos cheios de lã.

Duas colchas, a saber: uma grande de quatro pannos de largo, e de tres varas e duas terças de comprimento; a qual tem cinco espheras, a saber: em cada canto uma, e no meio outra; a qual é de hollanda de ambas as faces. E a outra é de duas varas e oitava de largo, e outro tanto de comprimento, toda cheia de rodas e ramos, de hollanda de ambas as partes.

Continua.

ARVORES FLORESTAES.

Dividem-se as arvores florestaes em *folhosas*, e *rezinosas*.

As folhosas renovam annualmente as suas folhas, e ramificam-se, com a faculdade de rebentarem do pé, cortado o tronco.

As rezinosas conservam sempre a folha, com ramificação pouco diffusa, e sem a faculdade de se reproduzirem dos rebentões.

Das primeiras, as principaes que se dão na Europa são:

O *videiro*, que resiste ao frio, e se encontra em Portugal no Gerez e no Marão, e mais alguns outros montes do norte. O seu crescimento é até aos sessenta annos, não lhe excedendo a vida a oitenta.

O *fagus sylvatica*, que padece com os frios, e calores seccos. Cresce nas montanhas da Europa central, e atura por trezentos annos. Nas Asturias encontra-se abundantemente.

O *carvalho roble*, arvore dos climas temperados, encontra-se abundantemente em Portugal, Hespanha, e nas ilhas Britanicas. Cresce até aos duzentos annos.

O *carvalho alvarinho*, de rapido crescimento, e de que ha muitas especies, encontra-se em a nossa provincia do Alemtejo.

A *azinheira*, arvore dos climas quentes, e excellente pelo seu fructo para nutrição do gado suino. Encontra-se abundantemente em Portugal e Hespanha.

O *sobreiro*, que se cria nas condições da azinheira.

O *castanheiro*, que se encontra em quasi toda a Europa, cresce rapidamente, tendo attingido aos sessenta annos a sua maxima altura. Dá-se excellentemente em o nosso Portugal.

O *ulmo*, que se cria nos climas temperados e humidos.

O *lodão*, planta dos paizes quentes e das planicies, e que se dá perfectamente ao norte de Portugal.

O *salgueiro branco*, o *vimieiro do norte*, o *choupo branco*, o *choupo ordinario*, a *faia preta*, e o *amieiro*, arvores salinaceas, que vegetam nas planicies e logares humidos, criam-se em Portugal.

O *freixo* tambem se encontra no nosso paiz, e é proprio dos climas temperados, chegando á sua maxima altura aos setenta para oitenta annos.

O *platano bastardo*, que se cria perfectamente no Gerez, e tambem nos Alpes, vive até setenta annos com sobejo vigor.

O *platano oriental*, o *azeneiro*, o *pado*, a *acacia*, de rapido crescimento, são recommendados em o nosso paiz.

Das rezinosas são as principaes:

O *pinheiro olcar*, ou abeto maior. Pode supportar climas vigorosos, e rapidamente se desenvolve, sendo no começo vagaroso o seu crescimento. Vive dois a tres seculos.

O *abies pectinata*, arvore de montanhas nos paizes temperados. Não pode prosperar em sitios baixos.

O *pinheiro bravo do norte*, não se dá bem nas regiões quentes. Encontra-se nas serras de Guadarrama. Em Portugal semeou-se na serra do Marão.

O *pinus cembra*, arvore dos paizes frios, e altas montanhas, como os Alpes, monte Cenis, e Karpathos. Vive muitos seculos.

O *pinus laricio*, cresce vagarosamente, e vive muitos annos. Encontra-se em Hespanha.

O *pinheiro de Alepo*, arvore de climas temperados. Vive nas mesmas condições metereologicas das oliveiras. Cresce depressa, e a sua madeira é boa para construcção.

O *pinheiro de Hespanha* (*Pinus pyrenacia*), parece ser o mesmo que entre nós se chama pinheiro alvar.

O *pinheiro manso*, arvore das planicies, valles, beiras de rio, e costas do mar. Abunda em Portugal.

O *pinheiro bravo*, arvore de terrenos aridos, e tambem dos pantanosos, onde contudo não chega ao seu total desinvolvimento. Produz em abundancia materias resinosas e agua-raz.

O *pinus strobus*, do Canadá, é cultivado em o norte da Europa, e dá-se em terrenos humidos, sendo boa a sua madeira para construcções.

O *larico*, encontra-se na Escocia, Alpes suissis, montes Karpathos. A sua madeira é de muita duração, e emprega-se na marcenaria, e construcções.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

Logo que chegou o successor d'este marquez, e tomou posse do governo, (*) entrou na expedição com o Sunda, sobre o dar cumprimento ás capitulações de pagar o dinheiro, ou fazer entrega da praça, e provincia de Pondá ao estado, e para que a còrte de Satará lhe não embarcasse o projecto, conservou n'ella por enviado a D. Antonio Henriques, do mesmo modo que havia praticado o seu antecessor. N'esse tempo se achava tambem na do rei Sunda encarregado d'aquella negociação um missionario dos denominados jesuitas. Intentou o ministro do rei, (talvez pelos conhecer inclinados a seus interes-

ses) afagat-o com o brinde das duas aldeas, que pretendiam os da sua sociedade por direito de posse, que por mercê havia feito o conde de Alvor á casa professá, como se disse.

Aproveitando-se este missionario das opportunas occasiões, que lhe offerecia com egual satisfação de sua insaciavel vontade, empreendeu alcançar do rei Sunda varias graças com total despotismo de toda a christandade nos seus dominios: A esta bem conhecida, e mal soante ambição se oppozeram os bramanes gentios, do que resultou obrarem contra este avarento pretendente (assim julgado, ainda na opinião gentilica) uma consideravel desatencção sem lhe valer a immuniidade de uma publica, e plausivel festividade; pelo que vendo este perdido o decoro, alterou de tal sorte os impetos de sua imprudencia, que tambem perdeu o respeito ao primeiro ministro do rei. O seu insoffrivel procedimento motivou até ser logo intimada uma ordem para incontinentemente serem despejados do seu reino todos os missionarios d'aquella sociedade, o que com pontualidade o executaram, muito apesar de suas conveniencias, idolo maior da sua adoração.

D'esta publica injuria pediu satisfação o vice-rei, ignorando talvez a causa motiva de tão estranhado effeito. Da inquerente resposta, que recebeu do Sunda, se resolveu a romper guerra principiando logo da escalada do Piro, com intenção de proceder na mesma egualdade a Sitrancer, e Ancolá, e d'ahi passar á de Pondá principal movel d'esta rotura. Depois de ter despendido o estado muito dinheiro da fazenda real na fortificação da praça de Piro, a entregou por fim o seu successor ao rei Sunda, e com esta vantagem a está hoje possuindo Aydar Alykan. A mesma felicidade logrou tambem o Dessay Bonsuló na entrega que se lhe fez da praça de Raddy.

Não deixou o conde de Alva successor do marquez, de conhecer a grande utilidade, que resultava ao estado de Goa, tomando posse da praça, e provincia de Pondá; mas de que aproveitada o conhecimento do bem, se offerecida a occasião de o conseguir, se não apressam os meios concernentes para a mais breve execução? Concedeu o vice-rei aos angriás soccorro de tropas contra os maratás, não sei se com acertado conselho, pois não se viram corresponder os successos, segundo as esperanças dos que o approvaram.

Vendo D. Antonio José de Noronha, depois de expedido da capital de Pondichery embaixador de nação franceza, que no campo de Sanur, se ajuntavam muitos principes alliados contra a casa de Bagy Rao, e conhecendo por conjecturas ser a intenção de Sadouba, filho de Chimanangy Apá, herdeiro das suas astucias, apoderar-se da praça de Mardangor, e provincia de Pondá com o frivolo pretexto, de que se achava a dever o Sunda de tributo ou choutay annual á còrte de Ponem, como amante da sua patria, tomou a resolução de partir d'aquelle cam-

(*) No tempo d'este governo, por descuido do vedor da fazenda D. João José de Mello, mandou o bonsuló por um cipaio chamado Qoculó dar fogo á nossa armada de remos, varada na ribeira das naus, e por acudirem depressa não se arrasou toda a cidade.

po para Goa, onde não só fez ao vice-reisabedor de tudo, que havia por industrias e observações descoberto, mas também lhe arbitrou os meios mais convenientes para guarnecer as praças, e terras da mesma provincia antes que os maratás descessem os Gattes, e praticassem esta diligencia com a sua guarnição. Para melhor se persuadir o vice-rei, e dispor-se para aquella necessaria prevenção, se offereceu liberalmente o Noronha para negociar com o rei Sunda, (caso que assim fosse preciso) e conseguir d'elle a entrega d'esta praça, e provincia para o estado, e d'este modo anticipava a cobrança da sua divida, que também lhe era devedor o mesmo Sunda.

As suas razões, por mais repetidas que foram, e com efficacia intimadas ao vice-rei, não tiveram acceitação contra o parecer do secretario do estado, Belchior José Vaz de Carvalho, que era da mesma opinião: ultimamente seguiu o vice-rei o conselho de pessoas (talvez faltas de conhecimento dos maratás) sem experiencia das maximas, e politicas asiaticas.

Mal satisfeito Noronha de ver baldados os passos, que com o proprio despendio tinha dado, em attenção ao socego da patria, se retirou sentido de deixar exposta á visinhança de um tão poderoso inimigo, e juntamente habitada de muitos gentios fieis espias dos mesmos maratás. Depois de despedido o Noronha entrou o vice-rei a considerar com mais madureza as circumstancias do caso proposto, e achando acertado abraçar o parecer que pouco antes havia desprezado sem justa razão, o quiz remediar. Mas que debalde procura o enfermo saude, quando tarde sollicita o remedio! Intentou o vice-rei tomar aquelle saudavel conselho, a tempo que já o Noronha encontrava em caminho as tropas inimigas perto da empresa a que se encaminhavam os passos.

Vanglorioso Sadouba com as victorias, que teve contra os principes confederados, e ajudado do socorro de Salabarging, sova de Dekan, com tropas de francezes seus alliados, commandadas pelo Bussy, conseguiu com facilidade e sem resistencia do rei Sunda (por natureza covarde) a entrega de Pondá.

Então com a vista do ameaçado perigo, conheceu o vice-rei o mal, que costuma resultar do desprezo do inimigo, e muito mais dos avisos de um vassallo fiel a seu soberano, zeloso do bem commum, e com muita experiencia das maximas asiaticas.

Com o breve tempo da visinhança maratá entrou logo o estado de Goa a sentir grande prejuizo, por causa da frequente deserção dos soldados, e muitos, e muitos criminosos, que para o fazerem, não se lhes offerecia alguma difficuldade na passagem de Goa, e suas provincias para a de Pondá, por só mediar um pequeno rio, que uns a nado, e outros apoiados sobre pedaços de salgueiro, que nas suas margens cortavam sem o minimo obstaculo, se transportavam a ou-

tra parte, onde além de se darem por seguros, recebiam também do cabo do maratá gastos, e guias sufficientes para a marcha do Indostão.

Quem pode duvidar, que este descaminho era sensível prejuizo para Goa, pela diminuição das forças que lhe causava e por ficarem sem castigo os crimes n'ella commettidos? A ponderação d'esta tão grande desordem, guiada por conselhos dos denominados jesuitas obrigou ao vice-rei por força de armas lançar fora os maratás, e tomar posse o estado da praça de Mordangor e de toda a provincia de Pondá, e sem mais outra consideração deu principio a uma tão difficulosa, como mal delinrada acção, de que se seguiu o infeliz successo já referido no terceiro capitulo do tomo primeiro.

Ao conde de Alva succederam no governo o arcebispo primaz, o chanceller João de Mesquita, e o coronel Valladares, em cujo tempo se perdeu a provincia de Pirnem, que ha nove annos possuia o estado, a qual era a porta principal por onde entravam os bonsulós na de Bardez, e fortes muralhas, que a defendiam dos seus inimigos.

Duravam ainda as saudosas memorias d'esta lamentavel perda, quando com a chegada, e posse do vice-rei conde de Éga se fizeram mais ponderadas as circumstancias, que resultavam dos antecedentes successos: pelo que commensurada com madureza a grande utilidade, que se representava na posse de Pirnem para segurança, da provincia de Bardez, mandou o vice-rei marchar uma luzida tropa commandada pelo brigadeiro Agostinho Jansens Moler, que teve o successo já relatado no capitulo terceiro do tomo primeiro.

Continua.

Está á venda A Cirurgia e medicina, clinica positiva por Manuel José da Rocha — preço 360.

Acham-se impressas as seguintes obras:

A Pobreza envergonhada, drama por Mendes Leal Junior — 480.

Lições para maridos, comedia, imitação por Lopes de Mendonça — 400.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia, imitação por Bulhão Pato — 160.

No prelo:

Poesias de Mendes Leal, Antonio, (quasi concluidas).

O 2.^o volume da Chronica da Rainha a Sr.^a D. Maria II.

A Duplice existencia, comedia por A. Cezar de Lacerda.

O Defensor da egreja, S. Sebastião, drama de grande espectaculo, por A. Cezar de Lacerda.